

## Vinciane Despret comenta as apresentações de Ana Cláudia Lima Monteiro e Neuza Guareschi<sup>1</sup>

**Vinciane Despret:** Primeiramente eu gostaria de agradecer nossas duas oradoras por suas apresentações extremamente interessantes e que me abriram o apetite. Dois apetites diferentes. Com a primeira exposição, eu tenho um apetite por saber mais, mas farei minhas perguntas após o meu comentário que consistirá em me posicionar entre as duas apresentações. As minhas perguntas serão bem simples, concretamente, a partir dessa desconstrução: “O que pode fazer um psicólogo?”, “O que podemos fazer?”. Portanto, isso é o que eu perguntarei mais tarde, pois me interessa muito, do ponto de vista prático.

Quanto à apresentação da Ana Cláudia, da professora Ana Cláudia, meu apetite foi diferente. Fez-me proliferar as interpretações na cabeça, fez-me pensar. Mas não se trata, de forma alguma, de uma proliferação de interpretações psi. Trata-se de proliferações de interpretações no sentido sofista do termo. Ou seja, a multiplicidade de versões daquilo que você nos propõe.

Procurei tecer articulações entre as duas apresentações e eu diria que a articulação que me saltou aos olhos, quando as duas apresentações haviam terminado, foi que ambas se articulam ao redor do mesmo tema do desassujeitamento, no sentido de Foucault. Na primeira, estamos com o Foucault que nos ajuda a criticar e a pensar as relações de poder. E com a Ana Cláudia, estamos com o Foucault da preocupação consigo, que transforma, de alguma maneira, a possibilidade de uma vida em obra a fazer – eu retomo os temas que abordamos ontem. Se eu falo de sua vida como “uma obra a fazer”, quando estamos falando aqui de trabalho, é talvez justamente porque, nesse ponto, vida e trabalho se fundiram de tal forma que não podemos mais distingui-los. A vida e o corpo, espaços que considerávamos como espaços íntimos, tornam-se espaços da profissionalização. Mas seria realmente no mesmo sentido do termo desassujeitamento? Será que, com a Ana Cláudia, trata-se de uma atitude de ultrapassar o assujeitamento? Em outras palavras, será que se trata de ultrapassar a questão do assujeitamento, na Ana Cláudia? Ou, quem sabe, de aceitá-la, como um *amor fati*? O *amor fati* é o amor ao destino, em Nietzsche. É o fato de transformar seu fado em destino. Ou seja, um destino aceito e desejado. Assim, pensá-lo a partir do *pathos*, mas sem trair

esse *pathos*. Ela diz, no princípio de sua apresentação: “a inquietude é o que mobiliza o meu texto”. E eu vejo, então, o tema da Ana Cláudia como uma resposta possível, ou uma proposta de resposta possível que continua o trabalho da Neuza. Trata-se de continuar a ruptura, ou seja, de romper com as práticas de ruptura. Como, por exemplo, a ruptura de conhecimento, tal como evocada pela Neuza, quando ela explica, por exemplo, que o sistema, mesmo o sistema freudiano, não consegue romper com a causalidade, pois as experiências anteriores são sempre imanentes ao momento atual, ou convivem com ele, devendo explicá-lo. Temos uma experiência anterior com a Ana Cláudia, mas ela não explica nada. Ela está aí, é tudo, como uma doação, um presente. Ela vai tecer alguns vínculos narrativos, mas nenhum desses vínculos será reparador. Nenhum dos vínculos poderá tecer um motivo vigoroso. Ela não reunirá todos os fios. E ela o assume, pois o modelo narrativo – eu o aprendo com ela – se baseia num novo tipo de relação, o da confiança no destinatário. É a confiança, em primeiro lugar, em uma troca criativa de doação. Falar da menininha que ela foi, dos ortopedistas, das bailarinas, da mãe enfermeira, das alegrias e dos medos... E assim sabemos sobre o seu sofrimento, mas ela não o diz. Ela tem confiança e nos fala da sua confiança. Cabe a nós tecer os vínculos e fazê-lo bem feito. Poderíamos criar uma história de assujeitamento, e de assujeitamentos sucessivos que se substituem uns aos outros. Primeiro, a medicina e a ortopedia, que lhe fabricam um corpo normatizado. Em seguida, a dança, que renormatiza de outra forma. Em seguida, a tese – Deus sabe que ela é um processo normativo. Depois, a conferência, que revela outras práticas de assujeitamento. Ana Cláudia obedece aos códigos, faz uma concessão à estratégia do consentimento, mas acaba chegando atrasada. Então, é uma versão possível e não estou certa de que seja aquela que tenho vontade de tecer.

E podemos ter uma versão um pouco diferente, que nos permita sair das fôrmas pré-moldadas. Talvez haja aí uma prática de assujeitamento, mas então, como compreender o amor de sua mãe? Como compreender as intervenções dos ortopedistas? Sim, é claro – porque existem questões de poder, mas também questões de amor. Ela nos explicará, tão bem, que, se a dança é uma prática de assujeitamento, o corpo pode sair dela mais dócil, porém também sai mais leve. Tanto mais livre em seus movimentos quanto fora

<sup>1</sup> Ajustes feitos pelos autores das mesas. Revisão técnica: Maria de Fátima Aranha de Queiroz e Melo e Vera Schroeder.

disciplinado. Tanto mais autônomo quanto aprendera a obedecer.

Em seguida, um terceiro vínculo entre as duas apresentações. Sim, a narrativa é um modo de subjetivação, mas um modo que oferece uma ligeira defasagem. Parece-me que, quando se trata de subjetivação, o assujeitamento não é vivido como um risco e não impõe a desconfiança. Observem um pouco sua trama narrativa. Como eu disse, ela deixa alguns fios soltos, sozinhos. Cabe a nós terminar o trabalho, tecer nossa estampa. Ela aprendeu dos sofistas e nos ensina ainda outra coisa. Eu retomo aqui as palavras que a Vera<sup>2</sup> usou em sua tese: ela aprende com os sofistas a “como podemos dar movimento às portas e janelas”. E cada um dos fios, cada uma das versões que deveremos produzir a partir de seu texto representa escolhas que deveremos fazer. Eu retomo aqui o trabalho de Barbara Cassin<sup>3</sup> – que eu creio ter também inspirado o seu trabalho – que mostra que uma tradução é sempre um conjunto de decisões que fazem proliferar versões. Se o primeiro termo significa “isto” – por exemplo, numa tradução, se o primeiro termo da frase significa “isto”, então o segundo termo pode significar “isto” ou “aquilo”. Há duas vias possíveis. Mas, nesse momento, se você tem duas vias possíveis, você vai verificar se o primeiro termo significa realmente aquilo que você pensava, ou se ele significa outra coisa. E então nos encontramos com quatro traduções possíveis. E assim fazemos proliferar as versões. Então, creio que a Ana Claudia, quando ela escolhe me contar sobre a viagem de Ulisses, isto não se dá por acaso, pois eu acho que é muito sofista essa versão que eu vou te propor. Há aqueles que pensam que Penélope, ao tecer e desfazer o tecido, o mantinha longe e que, na verdade, a viagem de Ulisses era simplesmente a espera pela permissão de retornar. Isso cria mais uma narrativa entre Ulisses e sua mulher, um fio invisível que se teceu entre eles e que, de uma maneira estranha, se encontrava na tapeçaria. Assim, podemos dizer que é a tapeçaria que guia essa viagem. É isso.

2 Vera Schroeder estabeleceu um contraste entre o modelo platônico nas ciências e as contribuições do movimento sofístico. A metáfora da janela (ou sua poética) sugere a capacidade de deixar a janela aberta, fechada ou entreaberta ao exterior. Esta labilidade discursiva é fundamental para o preenchimento de espaços vazios, para que possamos modelar e transformar mundos e existências, assim como para a criatividade frente à urgência de *kairos*. (Schroeder, Vera. *A psicologia social e a noção de verdade*: do conhecimento do erro à feitura de tramas. Tese de doutorado, UERJ, Instituto de Psicologia, 2011).

3 A filósofa e filóloga Bárbara Cassin é uma importante intelectual francesa. Com diversas obras publicadas, destacam-se a coordenação do *Vocabulaire européen des philosophies: dictionnaire des intraduisibles* e a obra *L'effet sophistique* (temos no Brasil uma versão reduzida desta obra original).

Vinciane Despret, dirigindo-se à Neuza: Como você faz? As práticas de entrevista ainda são possíveis, ou não?

**Neuza Guareschi:** Sim

**Vinciane Despret:** E em que condições elas são permitidas? Ou será que estamos irremediavelmente obrigados a lidar com práticas de assujeitamento?

**Neuza Guareschi:** Tanto as entrevistas quanto qualquer outra forma de comunicação continua possível. A questão é não se prender à questão do objeto e da representação daquele objeto, mas poder sair disso e olhar toda a cena de pesquisa, mais especialmente, prestar atenção naquilo, no pensamento, pensando enquanto ele pensa. E aí, acho que é todo tempo como ela falou, é um jogo de sujeitamento e assujeitamento. Acho que ela trouxe bem esse jogo no exemplo da Claudia. Tem o texto do Foucault<sup>4</sup>, onde ele coloca muito bem que “A gente sempre vai ser governado, mas a gente pode escolher o modo de ser governado”. Não sei se eu respondi.

**Vinciane Despret:** Eu tenho uma curiosidade: você faz pesquisa de campo? Você faz psicologia em campo?

**Neuza Guareschi:** Sim.

**Vinciane Despret:** Numa entrevista, como ela acontece? Eu queria simplesmente que você nos contasse, numa pesquisa de campo, “eis como nós fazemos”. Você pode me dar um exemplo de uma entrevista que você tenha feito e que mostre como você opera com esse tipo de coisa?

**Neuza Guareschi:** Sim, teria muitos. Não sei se eu vou conseguir responder o que você quer, mas tenho muitos exemplos. Um deles é com jovens da periferia. Acho que a questão começa antes, vamos dizer, de como você aborda o jovem. Há uma escolha política quando você vai ao jovem da periferia. Por exemplo, eu posso ir lá e escutar que ele não consegue trabalho e que as pessoas têm preconceito em relação a ele. Com Foucault, eu até posso pensar em como ele é assujeitado por determinados discursos que o colocam nesse lugar. Mas eu também posso ir lá e provocar nessa juventude, provocar nesse jovem, a partir do nosso encontro, do meu pensamento e do pensamento dele, – maneiras de colocá-lo a pensar outras coisas, ou seja, outros modos de subjetivação que não só ser tomado por discursos hegemônicos. Eu não tenho intenção de colocar uma coisa para ele pensar, mas agora, isso que ele vai pensar vai partir das condições que se estabelecem, de uma relação, do que essa relação torna possível que seja pensado

<sup>4</sup> Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung. Bulletin de la Société française de philosophie, 82(2), pp. 35-63, avr/juin 1990 (Conferência proferida em 27 de maio de 1978). Tradução de Gabriela Lafeté Borges e revisão de Wanderson Flor do Nascimento, disponível em <http://vsites.unb.br/fe/tef/filosco/foucault/critica.pdf>.

nessa relação entre pesquisador e pesquisado. Então, a questão não é minha nem ele, mas do que é que essa relação pode fazer emergir daí. Que condições e possibilidades ela pode dar para que se possa pensar outras coisas.

**Vinciane Despret:** E como obtemos essa mudança?

**Neuza Guareschi:** Na verdade, eu não vou poder responder para esse jovem porque ele não tem trabalho. O que eu vou fazer é provocá-lo para que ele fique pensando, a partir desse não trabalho, que outras coisas ele pode pensar: “eu não tenho trabalho por isso, eu não tenho por aquilo, mas eu posso procurar outras coisas”. Isso. Por exemplo, nessa pesquisa, depois, eles pensaram em dançar, foram dançar; pensaram em fotografar, foram fotografar.